

## OCUPAR É RESISTIR

**“E nem me colocando numa jaula, porque sala de aula essa jaula vai virar”**

*Claudia Monteiro  
Luana Milani Pradela*

“No lugar de uma educação que vise "adaptar" o aluno, o resumindo a simples engrenagem sem vida submetido às ordens que lhe impõem, o aluno é que deve buscar por si mesmo, espontaneamente e em colaboração com os demais, seu próprio currículo em acordo com seus valores, e assim ADAPTAR o mundo que ele vive para que este o atenda. O aluno passa a questionar a FINALIDADE do ensino, no lugar de apenas seus meios. Ocupando as escolas, se recusando a repetir a rotina diária, mostrando vida própria, rompendo a apatia, e criando uma nova sociedade de humanos livres a partir da velha. Nada mais justo que um grande cartaz nas paredes de todas as novas escolas autogeridas: ‘Aqui começa uma nova humanidade. Laboratório experimental da autonomia ao Ser Humano’. Nela se reconhece que a maior virtude do ser humano não está na "obediência" e em se buscar "boas notas", mas na transformação ativa de seu meio. Na busca por formas de expressão que nasçam do indivíduo. Em suma, uma nova sociedade onde não nos sujeitamos a nenhuma ordem nem fazemos nada sem que participemos e saibamos conscientemente suas consequências. (...) Liberte-se, humanidade!”<sup>1</sup>

O ano de 2015 foi marcado por um intenso movimento de ocupações das escolas públicas de São Paulo, o qual foi desencadeado a partir do projeto de reorganização escolar do governador do estado, Geraldo Alckmin do PSDB. Tal projeto visa a divisão das escolas por ciclo, sendo que algumas unidades abarcariam apenas alunos de 6 a 10 anos, outras de 11 a 14, e por fim, outras para jovens de 15 a 17 anos. Ou seja, as escolas seriam destinadas a séries específicas, e não mais abrangeriam as três fases (educação infantil, fundamental e médio). No entanto, esse projeto de reorganização elaborado pelo governo Alckmin, não se preocupou em consultar ou envolver os sujeitos diretamente atingidos, como alunos, professores e demais funcionários, sendo que o mesmo acarretaria uma série de consequências para estes.

A reorganização permitiria que parte da verba destinada à educação pública fosse cortada, pois centenas de escolas seriam fechadas, remanejando mais de um milhão de alunos e os concentrando

---

<sup>1</sup> Texto Retirado da página no facebook: <<https://www.facebook.com/Ocupamassot/posts/1731590060443342>> - acessado em maio de 2016

em algumas poucas unidades. Essa realidade permitiria mais alunos por sala de aula, intensificando o problema de salas lotadas; distanciaria ainda mais os estudantes de suas escolas, pois as escolas do bairro seriam fechadas ou não abrangeriam todas as séries; a distância juntamente com a superlotação, favoreceriam a evasão escolar.

Os trabalhadores também seriam atingidos, pois professores temporários seriam demitidos, com menos aulas disponíveis; terceirizados da merenda e limpeza, também seriam demitidos; e claro, os professores teriam muito mais dificuldade para lidar com uma sala superlotada.

Percebendo todas essas contradições é que os estudantes, especialmente os do ensino médio, organizaram-se para barrar o projeto de reorganização. Inicialmente com diversas manifestações pacíficas, que foram recebidas com tropas de choque, violência e prisões. Como não foram ouvidos, passaram a ocupar as escolas, a partir de organização admirável, e transformando o espaço escolar em núcleos de discussões políticas e atividades culturais, além da dedicação em reestruturar o espaço escolar, cuidando, limpando, colorindo.

Na fala de Eloiza Oliveira, uma das estudantes que participou das ocupações, podemos perceber a presença desses elementos: “A gente teve muito mais atividade cultural do que o ano inteiro de aula. Tivemos teatro e oficinas. Eu acho que, além da luta pela educação de qualidade, uma luta pela adequação da educação”.

Ao contrário do que a grande mídia e o governo tentam passar, criando um perfil de baderneiros, os estudantes e mantiveram ativos e organizados por seus objetivos, tanto que conseguiram barrar a reorganização, apesar do governo não ter tirado de pauta. Mas provaram que estarão dispostos a lutar caso o projeto torne a tomar proporção.

As ocupações das escolas paulistas influenciaram estudantes de outros estados na luta por uma educação gratuita e de qualidade. Atualmente, os estudantes do Estado de São Paulo lutam contra o desvio de verbas destinadas a merenda, tendo já conquistado a abertura de uma CPI que investigue os desvios. No Rio de Janeiro, os estudantes lutam por melhorias na estrutura das unidades escolares, mudança de currículo e remuneração justa para os professores. No Ceará, a luta contra o fechamento de mais de 3 mil escolas nos últimos cinco anos, somada à busca por melhorias nas estruturas, na merenda e pela valorização dos professores, já tem alcançado 60 escolas ocupadas.

No Rio Grande do Sul, passam de cem o número de escolas ocupadas. Desde 2015, o governador do estado José Ivo Sartori (PMDB) vem parcelando e atrasando salários de professores e demais funcionários das escolas. Somado a isso, há a falta de merenda e de professores. Para “resolver” a irresponsabilidade do governo, este criou a PL44/16 que prevê o avanço da privatização do ensino público, através da ingerência de fundações privadas na administração da escola. Professores e estudantes da rede pública estão em greve e ocupando os espaços escolares na busca de

melhorias.

A ação desses estudantes é uma evidência de que a organização popular é necessária para se alcançar nossos objetivos e direitos, e que na luta também se aprende. Afinal, a escola é espaço de produção do conhecimento e precisa ter condições mínimas necessárias para que ele seja desenvolvido. É direito de todo estudante o acesso à uma educação Pública, Gratuita e de Qualidade.

## Histórico do movimento estudantil

*Alana Thais Quadros  
Irio Junior Bernich  
Valdiceu Schroder  
Vanessa Evangelista Rocha*

O movimento estudantil secundarista nesses últimos meses vem recebendo bastante visibilidade nas ocupações em alguns estados do Brasil. Entretanto, esta luta pelos direitos de melhorias na área da educação e por condições sociais dignas, não é uma pauta de hoje. Os Movimentos Estudantis tiveram grande destaque na década de sessenta e setenta no período da ditadura civil militar. Eram organizadas em diversas entidades representativas, como os DCE's (Diretórios Centrais Estudantis), as UEE's (Uniões Estaduais dos Estudantes) e a UNE (União Nacional dos Estudantes). Suas reivindicações, protestos e manifestações influenciaram os rumos da política. Os estudantes protestavam por causas específicas como a ampliação de vagas nas universidades públicas, melhores condições de ensino, contra a privatização e também em defesa das liberdades democráticas e justiça social<sup>2</sup>.

O ano de 1968 foi marcante devido uma onda de mobilizações em vários países. No Brasil o estopim foi a morte do estudante Edson Luís por reivindicar a paralização de aumentos da refeição no restaurante universitário (refeitório estudantil Calabouço). A consequência foi a conhecida passeata dos Cem mil. A ditadura militar colocou na ilegalidade os DCE's e a UNE (entre outras entidades) que representavam os estudantes e que os organizavam. Além disso, havia repressão a qualquer tipo de organização de mobilização e neste período muitos estudantes foram reprimidos com agressão, prisões, exílio e tortura com o intuito de desmobilizar qualquer tipo de articulação do movimento estudantil.

Depois de aproximadamente dez anos de forte repressão e de praticamente inatividade é que em 1976 e 1977 a UNE e a UBES iniciam um esforço pela reconstrução das entidades<sup>3</sup>. A partir daqui, o Movimento Estudantil saiu às ruas em passeatas, manifestações transformadas em setor de ponta das oposições contra a ditadura. Em todo o Brasil houve inúmeros atos públicos que chegaram a mobilizar parcelas significativas da população.

Nos anos 80, em época de redemocratização, os estudantes participaram ativamente da Campanha das “Diretas Já” em 1984, com manifestações e intervenções importantes nos comícios populares. Também neste ano, é aprovada a lei do Grêmio Livre que permite que este seja uma entidade

---

<sup>2</sup> O Papel do Movimento Estudantil na resistência à ditadura. Disponível em:  
<http://ditaduranuncamais.cnte.org.br/o-papel-do-movimento-estudantil-na-resistencia-a-ditadura/>

<sup>3</sup> Juventude, Luta e Consciência. Disponível em:  
<http://juventudelutaconsciencia.blogspot.com.br/2010/09/movimento-estudantil-o-que-e-isso.html>

autônoma da escola, portanto, ser contra ou a favor da diretoria<sup>4</sup>.

Nos anos 1990 o movimento estudantil mais uma vez teve papel importante no cenário nacional. Em 1992 o *impeachment* do então presidente da República Fernando Collor de Mello, exigido pela massa de “cara pintada”, foi um dos reflexos do movimento estudantil brasileiro. Os estudantes saíram às ruas com os rostos pintados de verde e amarelo pedindo o *impeachment* de Collor.

Os anos 2000 ficaram marcados pelas manifestações pelo passe livre, contra a violência e por melhorias nas universidades estaduais e pela educação pública. Contudo, o que aconteceu de principal nesse período foi a alteração nas formas de manifestação e na própria constituição do movimento estudantil.

Percebemos, portanto, que o movimento estudantil é marcado e caracterizado pelos grandes embates nacionais, permeando a luta por uma educação pública, gratuita, universal que possa oferecer qualidade e que forme estudantes não tão somente para o exercício de uma profissão, mas preponderantemente para o exercício da cidadania, luta por direitos sociais, políticos e culturais. Por isto, é de fundamental importância que a base do movimento estudantil, ou seja, os grêmios e os DCE's estejam organizados e que sejam combativos, cobrando não somente a melhoria da estrutura e qualidade de ensino de seu colégio ou faculdade, mas participando das discussões e dos embates regionais e nacionais, ligados a políticas educacionais e socioeconômicas<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Documentário: Movimento Estudantil. Visto no dia 08/06/2016 às 20h00min.

<sup>5</sup> Juventude, Luta e Consciência. Disponível em:

<http://juventudelutaconsciencia.blogspot.com.br/2010/09/movimento-estudantil-o-que-e-isso.html>

## A grande imprensa e as ocupações

Carla Silva  
Mônica D. Rego  
Nicole de Cândido Ponestk

O portal da emissora Globo, G1, é um dos meios de comunicação hegemônicos que vamos analisar neste texto. As primeiras notícias sobre as ocupações foram divulgadas entre os meses de novembro e dezembro de 2015, e têm um caráter explicativo. Além de explicar os motivos dos estudantes de ocupar as escolas, traz os posicionamentos “oficiais” de sujeitos atrelados ao governo.

Exemplo disso é uma notícia de 04/12/2015 que conta com um tópico de “DECLARAÇÕES DO GOVERNO”, nele o próprio governador Geraldo Alckmin, o secretário da Educação Herman Voorwald, chefe do gabinete da Secretaria da Educação Fernando Padula Novaes e secretário da Segurança Pública Alexandre de Moraes, se posicionam contrariamente às ações dos estudantes, e reforçam que não suspenderão o projeto de reorganização.

“Em 29 de novembro, em reunião com dirigentes de ensino, o chefe de gabinete da Secretaria da Educação Fernando Padula Novaes, braço direito do secretário Herman Voorwald, disse que é preciso organizar “ações de guerra” contra as ocupações:

*“A gente vai brigar até o fim e vamos ganhar e vamos desmoralizar [quem está lutando contra a reorganização]”*

Em relação às acusações de abuso de força policial, o jornal sempre reitera o pleno direito de repressão. Sempre a lógica de que o Estado possui o monopólio legítimo da violência é repetido.

“O secretário da Segurança Pública, Alexandre de Moraes, disse que a PM iria intervir sempre que fosse preciso para impedir que alunos bloqueassem as principais vias de São Paulo:

*“Para resumir, bem resumido, a função da Secretaria da Segurança Pública e da polícia nesses acontecimentos é garantir que não haja dano ao patrimônio público. E não haja confusão, não haja briga entre quem queira assistir aula e quem não queira.”*

Diante desta afirmação, ficamos em dúvida sobre como analisar a imagem abaixo. A estudante tenta segurar a carteira escolar que o policial tenta arrancar dela:



O portal traz imagens da truculência dos policiais com legendas despreocupadas com a situação, tais como “estudante é detido durante protesto de alunos”. A imagem abaixo ficou conhecida por conter policiais armados, carregando um estudante algemado e desarmado deitado de barriga pra baixo, nitidamente em posição no mínimo desconfortável, e muito parecida com aquela em que ficavam pendurados os presos da ditadura durante sessões de tortura nas delegacias, o “pau de arara”.



Em nenhuma hipótese existe justificativa para esta forma de condução de um estudante, menor de idade. Mas os policiais agem como se não devessem satisfação a ninguém.

Outro destaque frequente nas matérias veiculadas no site são os grupos de alunos e pais de alunos contrários aos movimentos de ocupação, bem como as críticas pelo envolvimento do sindicato dos professores e o apoio do MST. Essas imagens não foram muito divulgadas nos

grandes sites, mas estão presentes em blogs e redes sociais em grande quantidade, como esta abaixo:



De uma maneira geral, o portal passa a apresentar as reivindicações dos estudantes com mais clareza após os setores judiciais legitimarem as manifestações ao recusarem as propostas apresentadas pelo governo de reintegração de posse. As primeiras notícias se restringem aos movimentos de ocupação realizados nas escolas de São Paulo, entretanto, como vários estados aderem a essa ação, são divulgadas as ocupações do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná e Ceará, sempre com o mesmo caráter de, juntamente com as motivações e reivindicações estudantis, apresentar as falas “oficiais” e daqueles que não concordaram e não se envolveram com os protestos. Recentemente, vem ganhando visibilidade um movimento chamado “Desocupa Já”, iniciado no RJ, este movimento conta com alunos que estão se sentindo prejudicados por estarem sem aula. O site dá voz a alguém “prejudicado” pelo movimento, como se os interesses de uma pessoa fossem maiores do que o do coletivo, e como se o coletivo também não fosse ter que se submeter a um novo calendário:

“O estudante (LF, do 3º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Heitor Lira, que fica na Penha, Zona Norte, idealizador do movimento) disse ainda que concorda com algumas reivindicações dos alunos que estão ocupando a unidade em que ele estuda, como a questão da segurança, mas afirma que as outras reivindicações já existem dentro da escola. Luan fará vestibular esse ano e se sente prejudicado por estar há mais de 20 dias sem aula.”

Entretanto, em uma reportagem que trazia como objetivo traçar um retrato dos estudantes que ocuparam as escolas pelo Brasil, publicada dia 18/05/2016, o jornal também dá voz aos estudantes e suas pautas e faz um destaque interessante sobre como as ocupações ocorrem em todo o Brasil:



“Os colégios têm realidades diferentes, estão inseridos em contextos diferentes, mas agarrados à mesma causa. A pauta dos estudantes é ampla, depende da escola, mas há pontos em comum, como a melhoria na infraestrutura, eleição direta para diretor, gestão democrática, horizontal, que dê mais voz aos alunos e o fim do SAERJ: uma prova obrigatória que determina, para o governo, a qualidade de cada escola.”

Nesta passagem se reconhece o sucateamento da educação pública, não se deslegitima a luta dos estudantes e ao fazer isso não se constrói uma imagem pejorativa dos alunos e nem de seu engajamento.

Mas nem todos os materiais apresentam esse tom. Como exemplo de formação de pensamento reacionário sobre as ocupações, citamos um colunista da revista Veja, que escancara que o grande problema estaria na crença das pessoas de que o ensino público de qualidade seria possível. Ou seja, para ele, e para a editora Abril que ganha rios de dinheiro vendendo livros em materiais didáticos - inclusive para escolas públicas - o ensino de qualidade somente seria possível no âmbito privado. Nas suas palavras:

O pior é a crença cega em “escolas públicas de qualidade”. Eles estão há um século rezando e fazendo procissões para que a Escola Pública de Qualidade desça dos Céus à Terra. Há um século seus pedidos dão em nada. No entanto, como seguidores de uma seita fanática, não largam a fé. Pois deveriam.

Esta é a tônica que circula nos grandes grupos e sites veiculados no Facebook, ou seja, de que a escola pública não pode dar certo. O sucesso, nessa perspectiva seria sempre fruto de pessoas “abençoadas” que “dão certo na vida”. Nada mais errado que isso. A educação de qualidade é o principal objetivo desses estudantes que ocupam aquilo que é seu, o espaço de aprendizado e produção de conhecimento social. É isso que mostram os inúmeros vídeos produzidos sobre as novas descobertas realizadas pelos estudantes durante as ocupações.

## **A criminalização dos movimentos de ocupação nas escolas do Brasil**

*Edgar Smiderle  
Gustavo Geron Dudczak  
Sara Munique Noal*

*Dedicamos esse texto a memória de  
nosso amigo e companheiro Alex, que  
estará sempre em nossos corações.*

No final do ano passado, o Estado de São Paulo conheceu a força dos estudantes secundaristas que iniciaram uma série de ocupações nos colégios estaduais em resposta a um projeto de reorganização escolar proposto pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB). Tal projeto propunha uma série de reformas na estrutura de ensino, como a realocação de alunos pela faixa etária e conseqüentemente o fechamento de várias escolas, sem a previsão de reabertura ou de construção de novas, inflando ainda mais as salas de aula e agravando a situação do ensino que já era precário.

De acordo com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo<sup>6</sup>, o remanejamento deve-se ao fato de que a rede pública de ensino perdeu, entre os anos de 1998 a 2015, dois milhões de estudantes. Em adição, afirma-se que muitas das escolas possuem salas ociosas, e que precisam passar por essa reforma. Além disso, argumenta-se que as escolas organizadas por faixa etária, também chamadas de “ciclo único”, comportariam alunos com rendimento superior àquelas com três ciclos de ensino<sup>7</sup>.

As críticas ao projeto começaram a jorrar e tomaram proporções nunca imaginadas pelo governo. Pais, professores e alunos se uniram contra a possibilidade do fechamento de escolas, demissões em massa de professores e funcionários e, principalmente, pela precarização do ensino. Segundo o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – APEOESP – estima-se que pelo menos 155 unidades seriam fechadas, enquanto que seriam demitidos cerca de 20000 professores, acarretando na superlotação das salas de aula<sup>8</sup>.

Por trás do discurso de melhoria, falta de eficiência, eficácia e produtividade do sistema educacional apresentado por Alckmin, existe um projeto que visa a privatização do ensino, guiado pela ótica neoliberal. Dentro dessa perspectiva, a crise da educação é resultado da expansão desordenada da escola, principalmente durante a segunda metade do século XX, cujo crescimento

---

<sup>6</sup> Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/14/politica/1444856641\\_364053.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/14/politica/1444856641_364053.html). Acesso em 28 de maio. 2016.

<sup>7</sup> Atualmente, no Estado de São Paulo, o ensino é dividido em três ciclos. O primeiro engloba os estudantes do 1º ao 5º ano do Fundamental (entre seis e onze anos); o segundo, do 6º ao 9º ano do Fundamental (entre 12 e 14 anos); e o terceiro, estudantes entre 15 e 17 anos de idade, no Ensino Médio. A proposta de organização por “ciclo único” pretende dividi-los apenas por sua idade, em determinadas escolas.

<sup>8</sup> Opus cit.

não garantiu a distribuição igualitária da qualidade de ensino. Essa “falta de qualidade” seria um resultado de práticas pedagógicas e gestões administrativas ineficazes, que geram a evasão, a repetência, o analfabetismo funcional, entre outras. Assim, na visão neoliberal, o problema enfrentado pelas escolas não seria resolvido pela democratização e reformulação do ensino, mas pela mudança de seu gerenciamento, tirando a responsabilidade do Estado e transferindo para a iniciativa privada<sup>9</sup>.

Como já apresentado acima, a reação mais plausível vista pelos alunos e professores para barrarem o fechamento de suas escolas foram as ocupações, sendo que houve uma recusa por parte do governo de dialogar sobre a mudança no projeto. Tal atitude evitou que 94 delas fossem fechadas e 311 mil estudantes remanejados.

O primeiro ato do governo foi a tentativa de criminalizar os movimentos e conter as ocupações. Foram divulgados dados equivocados sobre a situação das escolas e estimativas de prejuízos causados por eles. Para o governo, em dezembro do ano passado (2015), estima-se que houve um prejuízo de R\$ 1 milhão com a ocupação das escolas por parte dos estudantes, levantamento feito baseado em 81 delas, sendo que 72 teriam sido “vandalizadas e furtadas”, segundo a Secretaria de Educação. A avaliação seria parcial e o valor poderia aumentar<sup>10</sup>. No entanto, esses dados não se confirmaram, visto que os alunos que estavam dentro delas criaram mutirões para consertá-las, fazendo o trabalho de pintura das paredes, limpeza das quadras de esportes, entre outros serviços.

Não obstante, houve também a criminalização por parte da sociedade civil e de alguns estudantes que eram contrários aos movimentos e acreditavam que a ocupação não seria a melhor forma de reivindicar seus direitos. Nesse sentido, foi criado o movimento “Desocupa já”, por alunos que requeriam a retomada das aulas e se sentiam prejudicados com a falta delas<sup>11</sup>. Esse movimento ganhou grande cobertura por parte da mídia hegemônica, que não mediu esforços para reforçar o coro dos que discordavam das ocupações.

Outro ponto que agrava a situação é a lei “antiterror” sancionada pela presidente Dilma Rousseff (PT) e publicada no diário oficial no dia 17 de março deste ano. Criminalizam-se os movimentos sociais podendo considerá-los terroristas dependendo da interpretação feita pela lei.<sup>12</sup> “A lei aprovada pelo Congresso Nacional classifica como atos de terror "incendiar, depredar,

---

<sup>9</sup> Para mais informações sobre a relação entre educação e neoliberalismo, consultar: <http://soseducaopblica.blogspot.com.br/p/neoliberalismo-e-educacao.html>. Acesso em 28 de maio. 2016.

<sup>10</sup> <http://brasileiros.com.br/2015/12/governo-criminaliza-ocupacoes-de-escolas-em-sp-acusa-representante-dos-professores/>. Acesso em 28 de maio. 2016.

<sup>11</sup> <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/alunos-criam-movimento-desocupa-ja-contrario-ocupacao-de-escolas-no-rj.html>. Acesso em: 28 de maio. 2016.

<sup>12</sup> <http://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/deputados-aprovam-lei-antiterrorista-que-pode-criminalizar-manifestantes-4848.html>. Acesso em 28 de maio. 2016.

saquear, destruir ou explodir meios de transporte ou qualquer bem público ou privado". Também prevê as ações de "interferir, sabotar ou danificar sistemas de informática ou bancos de dados".<sup>13</sup> Nesse sentido, percebe-se que o Estado munuiu-se de todo um arcabouço para reprimir e coagir manifestantes, a fim de aprovar, mesmo que à força, projetos que lesam os direitos sociais previstos na constituição.

Dessa forma, as ocupações escolares já se alastram por 5 estados brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Goiás, Rio Grande do Sul e Paraná, sendo que a tendência é expandir cada dia mais, dependendo apenas da vontade de luta dos estudantes, em defesa de uma educação pública, gratuita e de qualidade.

---

<sup>13</sup> <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/03/18/lei-antiterrorismo-e-sancionada-com-vetos-pela-presidente-dilma/tablet>. Acesso em 28 de maio. 2016.

## REFERÊNCIAS

- <http://www.esquerdadiario.com.br/150-escolas-ocupadas-no-Rio-Grande-do-Sul>
- <https://www.facebook.com/naofecheminhaescola/?fref=ts>
- <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/alunos-criam-movimento-desocupa-ja-contr-ocupacao-de-escolas-no-rj.html>
- <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2016/05/veja-um-retrato-dos-estudantes-que-ocupam-escolas-pelo-brasil.html>
- <http://g1.globo.com/sao-paulo/escolas-ocupadas/noticia/2015/12/ocupacoes-atos-e-polemicas-veja-historico-da-reorganizacao-escolar.html>
- <http://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/economia/parem-de-acreditar-em-escola-publica-de-qualidade/>
- <http://jornalbaixadafluminensejb.blogspot.com.br/2016/05/estudantes-do-desocupa-ja-fazem.html>
- <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/05/primeira-vitima-fatal-das-desocupacoes-das-escolas-pode-ter-surgido.html>
- [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/14/politica/1444856641\\_364053.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/14/politica/1444856641_364053.html)
- <http://soseducaopblica.blogspot.com.br/p/neoliberalismo-e-educacao.html>
- <http://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/deputados-aprovam-lei-antiterrorista-que-pode-criminalizar-manifestantes-4848.html>
- <http://brasileiros.com.br/2015/12/governo-criminaliza-ocupacoes-de-escolas-em-sp-acusa-representante-dos-professores/>
- <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/alunos-criam-movimento-desocupa-ja-contr-ocupacao-de-escolas-no-rj.html>
- <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/03/18/lei-antiterrorismo-e-sancionada-com-vetos-pela-presidente-dilma/tablet>

